

Continuação da página 7

re escreve muito bem, tem uma narrativa fluente, usa metáforas e figuras de linguagem excelentes, afastando-se muito das formas de abordagem do ensaísmo da década de 20. É um prazer lê-lo. Trabalha, como já assinei, com documentos não convencionalmente utilizados por aqueles trabalhos. São cartas, diários, anúncios de jornais e magazines, letras de canções, folhetins, relatos familiares; entre essas fontes encontram-se os relatos dos viajantes. É certo que essa riqueza documental funciona positivamente em sua pesquisa. De outro lado, a utilização das mesmas, conforme já assinalou Sérgio Buarque de Holanda, sem a devida correlação com dados estatísticos, por exemplo, pode levar a um viés interpretativo que não dá conta da realidade.

**Enrique Larreta** – Foi um pioneiro no uso de livros de viajantes como fontes, e também da história oral e a imprensa da época, inclusive estrangeiros. O “olhar do outro” como modo de conhecimento social interessou-lhe sempre. Essas fontes nem sempre foram contextualizadas com precisão, desde o ponto de vista do rigor historiográfico contemporâneo.

**Ricardo Benzaquen de Araújo** – Não vejo nada contra. Um dos pontos mais positivos da obra do Gilberto é o de, nos anos 30, em um diálogo com algumas correntes da antropologia e da história, tentar incorporar todo um conjunto de documentos que, até aquele momento, não eram tão considerados. Não são apenas relatos de viagens ou textos literários, pois ele vai lidar com narrativas populares, com receitas de doces, receitas de farmácias etc. Enfim, ele tenta recuperar um imenso conjunto de materiais que não eram muito levados a sério. Isso, claro, tem a ver com o fato de que ele se esforça, pioneiramente entre nós, por fazer um tipo de história que se interessava sobretudo pela análise da vida cultural, no sentido antropológico do termo, o que evidentemente o leva a considerar com seriedade estes novos documentos. Se ele estivesse operando sob uma perspectiva estritamente econômica e política, certamente as fontes seriam outras, talvez mais convencionais.

Mas, ao contrário, como ele define o seu objeto pela cultura, ele lança mão de um notável conjunto de textos que até então não havia sido adequadamente examinado. Gilberto tem acesso, por exemplo, ao arquivo da Inquisição, copiados por Capistrano de Abreu e que ficam sob a guarda de Paulo Prado. Trata-se de uma fonte extraordinária sobre a vida íntima, não apenas sobre a vida sexual, dos habitantes da Colônia, assim como os recém-mencionados relatos de viagem.

Quanto ao aspecto literário, não tenho a menor dúvida de que Gilberto escreve notavelmente bem, assim como vários outros autores da época, entre os quais Sérgio Buarque. E escreve de uma maneira muito coloquial, de certa forma fiel ao elogio modernista da linguagem oral. Há um certo esforço em aproximar a maneira como se falava da maneira como então se escrevia. Creio inclusive que esse esforço em tentar informalizar a linguagem é um dos poucos pontos de contato entre Gilberto e alguns autores mais canônicos do Modernismo paulista, Mário de Andrade em particular, que também tinha um projeto semelhante. Agora, não diria que o trabalho de Gilberto possa ser avaliado como uma obra literária, mesmo porque esta última sempre importa em um desenvolvimento ficcional. A imaginação de Gilberto, ao contrário, estava presa, com maior ou menor rigor, a um conjunto de dados coletados por ele. Não que ele não fosse um cientista social arguto, perspicaz e imaginoso. Mas trata-se de um tipo peculiar de imaginação, que não opera no mesmo registro que aquele que vai envolver a ficção. É preciso, portanto, aproximar a discussão sociológica de todo o conjun-

INÉDITO

# Carta ao pai

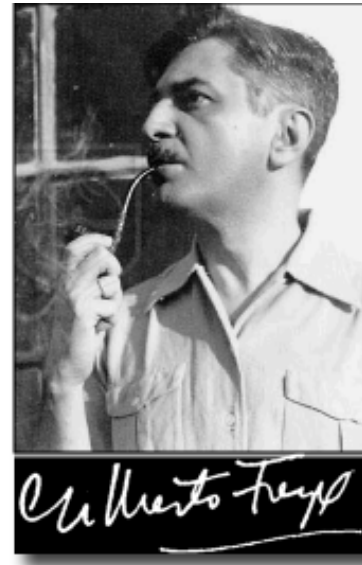
Na pesquisa para a biografia de Gilberto Freyre, o professor Enrique Larreta descobriu os cadernos do curso desenvolvido em Stanford em 1931, que constitui o laboratório de escritura de *Casa-grande & senzala*. Na seguinte carta a seu pai, Gilberto comunica o entusiasmo de seu descobrimento das contribuições do Brasil.

Foto: Acervo da Fundação Gilberto Freyre



*“Fixar-me aqui ou em qualquer parte fora de Pernambuco, está absolutamente fora do meu programa. Mas não adianta a falar neste ponto. Com relação ao Brasil, acho que você carrega muito as cores. Não há que estranhar que o Brasil atravesse uma fase como a de agora. Poderá mesmo prolongar-se por muito tempo assim. Mas nada nos autoriza a concluir que somos o “país perdido” de que se fala há tempos. Poucos países tão interessantes como o Brasil; a aventura brasileira de miscigenação é uma das grandes aventuras modernas (moderno no amplo sentido histórico) - uma aventura nacional tão interessante quanto a russa ou a americana. Ele é grande demais para que aos seus processos de ajustamento falte a violência dramática que em fenômenos geológicos um tanto parecidos a este nosso, social, étnico, econômico, caracteriza os terremotos. Não creio que desde Cristo ninguém nem nenhuma nação tenha feito ao mundo, à fraternidade dos homens, tamanha contribuição como a que há de resultar de mistura de raças no Brasil. O brasileiro não é todo defeito nem mestiçagem; qualidades excelentes já se sentem nele; vão se esboçando e afirmando na confusão. O período é doloroso porque é de transição. Ainda não desapareceu de todo o preconceito de branquidade; a vergonha de ser mulato ainda se manifesta em pretensões ridículas. A época ainda é de novos - poderosos, novos cultos, novos ricos, arribo em várias expressões. Mas sem deixar de haver nisto alguma coisa de interessante, ao lado do muito que há de doloroso - principalmente para filhos e netos de senhores de engenho. Devemos levantar a vista acima das coisas do momento, e impregnarmo-nos do ar, do grande ar de aventura, que sopra sobre o Brasil, onde cores, sangues, tradições se misturam para um resultado único, excepcional. (Stanford - 16 de abril de 1931)”*

Gilberto Freyre na praia de Boa Viagem, no Recife, em 1917



dios e africanos, ressalta a importância do critério histórico-cultural sobre o fisiológico e psíquico. Aliás, essa é uma grande inovação analítica que introduz, mostrando os limites da sociobiologia.

O que quero dizer é que, como recurso explicativo, a discussão sobre a identidade nacional tem pouco fôlego. Ela é muito diferente da discussão da questão nacional, onde a constituição histórico-social do povo tem a ver com o lugar que lhe é atribuído no jogo de forças sociais e políticas. Por esse motivo, creio que é a questão nacional e não a da identidade nacional que deve ser pensada pelos analistas face ao mundo globalizado. Creio que temos fugido um pouco do problema...

**Enrique Larreta** – Nas suas duas obras principais, *Casa-grande e Sobrados*, Gilberto Freyre não utiliza a noção de identidade nacional. Sua teoria da cultura é complexa, acentua a diversidade regional, local, a pluralidade e os empréstimos culturais. Freyre é o pensador do híbrido e das modernidades alternativas. Enriquecer e fomentar o fundo cultural próprio, incorporando o novo, uma identidade nacional aberta ao mundo, me parece o legado principal de Gilberto Freyre.

**Ricardo Benzaquen de Araújo** – Antes de entrarmos diretamente no ponto, é importante lembrar que existem várias definições do que seria a identidade brasileira. Gilberto nos propõe uma em que o brasileiro seria composto por diferentes contribuições culturais que não chegam completamente a se fundir, dando origem a um ser inteiramente novo. Ele opera, por conseguinte, com uma noção sincrética de identidade, em que continuaria presente, em cada um de nós, um conjunto muito diversificado de tradições. Estão presentes em sua obra diferentes culturas: européias, indígenas e africanas, cujos legados busca-se, com alguma tensão, articular.

Mário de Andrade, ao contrário, opera como que esses vários legados tivessem se fundido para dar a luz a uma concepção muito bem-definida do que seria o brasileiro. Agora, se procuramos examinar qual seria o papel de uma identidade nacional num mundo marcado pela globalização, a minha impressão é a de que a forma mais interessante de se lidar com isso é justamente participar nela com essa identidade. Qualquer que seja a definição de identidade com a qual se esteja operando, acho que seria uma boa idéia tomar parte da globalização – se isto for inevitável – tentando levar em consideração aquilo que nos definiria de uma maneira mais específica, como se fosse uma espécie de vantagem particular. Não abrir mão dessas características para uma suposta geléia geral, que supostamente homogeneizaria a todos num mesmo plano. É preciso se esforçar para lidar com esse conjunto de transformações, e ao mesmo tempo, manter pelo menos parte disso que seria definido como identidade nacional. De forma alguma devemos abrir mão de algumas características próprias. Até para poder participar de maneira digna e soberana desse jogo.

Colaborou Gustavo Henrique Tuna

to de debates acerca das estratégias narrativas que fundamentam a dimensão retórica, persuasiva dos argumentos apresentados nos seus textos, mas não se pode, de modo nenhum, confundir esse tipo de perspectiva com aquela que caracterizaria a obra de arte, já que aí há um compromisso estrito com a ficção. Limites podem e devem ser ampliados, mas nesse caso precisavam ser mantidos, mesmo que re-

trabalhados de uma forma mais ambígua e complexa.

**JU** – Qual o lugar da identidade nacional brasileira num mundo marcado pela globalização?

**Elide Rugai Bastos** – Creio que sua pergunta tem a ver com a atribuição generalizada da intenção de definir a identidade nacional operada pelos chamados clássicos de 30. Não acho

que a questão tenha a centralidade que se atribui. Definitivamente, isso não faz parte dos objetivos de Caio Prado Júnior; diria que não é, também, a finalidade da reflexão de Sérgio Buarque de Holanda. Nos trabalhos de Gilberto Freyre penso que existe anterioridade da idéia de formação sobre a de identidade nacional. Basta ver que em *Casa-grande & senzala*, embora constatare as diferenças comportamentais de amerin-